4 AS PAISAGENS E SUA GENTE

Este capítulo está organizado em quatro módulos:

4. A paisagem e sua gente (pág.217 a pág.220). Fala da importância de reconhecer a paisagem como mundo vivido.
4.1 O valor da paisagem para um grupo de moradores militantes (pág.220 a pág.229). Apresenta a percepção desses moradores sobre a paisagem.
4.2 Olhares de antigos moradores sobre o espaço - exercício de percepção sobre as transformações da paisagem (pág. 230 a pág. 242)
4.3 Uma nova consciência - o olhar de crianças e jovens moradores da Serra da Cantareira (pág. 243 a pág. 259)

Protagonistas
Gisele de Oliveira Mendonça, Sandra Regina, Maria Bonfim, Raul Siqueira, Kelli Suzana A. da Silva, Zilda Moura, Waldir dos Santos, Joane Nunes da Silva, Felipe da Silva, Israel da Silva Vieira, Célia Cristina Fraga, Camila Bezerra do Nascimento, Flávia Cristina da Silva, Lucas Souza, Lincoln Augusto da Silva e Washington Luiz.

As paisagens e sua gente

> *"As paisagens se apresentam como ambientes sensíveis, palpáveis, têm conteúdo e substância e são cenários significantes das experiências, tanto diárias como excepcionais. São presenças constantes e inevitáveis e, conseqüentemente, não há experiência ambiental que seja, de algum sentido e grau, uma experiência de paisagem. A ligação interna que une os elementos da paisagem é a presença do homem, o seu envolvimento nela, numa interação incessante e dinâmica, onde a paisagem experienciada dá colorido à existência humana e é por ela colorida, o que se constitui em uma verdadeira mensagem que pode ser decifrada, apesar da grande dificuldade em como fazer isso, respeitando a riqueza e a complexidade dos significados. A paisagem pode, então, engendrar tantas respostas quantas forem as atitudes para com ela. Cada paisagem tem seu próprio conjunto de significados específicos, a tal ponto que a paisagem na qual uma pessoa vive não emoldura simplesmente a sua existência, não é algo externo a ela, pois a pessoa está dentro dela e se torna parte dela, quase que indissociavelmente" (MACHADO, 1988:34).*

Para conhecer as paisagens é indispensável conhecer sua gente,

descobrir como experienciam tais paisagens e quais suas atitudes perante elas, dando-lhes significância enquanto mundo vivido. É uma aproximação da realidade (já que não é a própria realidade, mas uma interpretação possível) destes moradores, a partir da compreensão de como eles constróem sua percepção ambiental e assim, sua realidade.

A autoconstrução evidencia uma relação direta do morador com a produção de uma paisagem, através da construção da sua moradia, do sistema viário e das áreas de lazer. A autoconstrução mostra-se como uma auto-expressão, na qual as expressões de valor sobre uma paisagem, ou algum de seus elementos, podem significar sua conservação ou não. Um estudo da paisagem implica, então, em compreender essas diferentes valorações, em estudar como as pessoas que vivenciam esta paisagem a percebem[1].

DEL RIO e OLIVEIRA (1996) falam que a percepção ambiental é um importante instrumento para nortear ações públicas, já que, mesmo sendo particularizada cada percepção, ela pode ter recorrências comuns de grupos de pessoas e, possivelmente, levar a condutas comuns desses mesmos grupos, perante o espaço.

A percepção é altamente seletiva (MACHADO, 1988), é o significado que atribuímos aos sentidos, característica que dá à percepção, uma categoria de um conhecimento adquirido através do contato direto. Esse entendimento é que orienta essa fase da pesquisa, ou seja, está sendo estudada a percepção de uma paisagem vivida, na qual a percepção dos moradores mostram sua interação ou não, com o lugar.

A pesquisa visou estudar as percepções dos moradores, sem

1 ARENDT (1992), apud CRITELLI (2002:43), em uma prévia compreensão fenomenológica do "ser", fala que "nada e ninguém existe neste mundo, cujo próprio ser não pressuponha um expectador"

prender-se a qual conceito de percepção nos aproxima mais da realidade, mas atentando ao compartilhar de experiências (um compartilhar que inclui contradições e confrontos), para então entender as visões de paisagem, bem como os interesses de determinados grupos e as possíveis disputas políticas que influenciam essa percepção.

É um estudo que nos leva a reconhecer a tensão entre o social (estrutural) e o individual. COLLOT (1986), apud SILVA (2002:151), tratando desse individual, aponta três caminhos a serem analisados. Um no campo da psicofisiologia, que "*caracteriza-se como um conjunto de processos que ocorrem no sub-consciente. Nele o ato de ver não se encontra sozinho na percepção de paisagens, o corpo inteiro está envolvido*"; o outro campo é o da fenomenologia e "*associa-se àqueles que agem no âmbito da pré-consciência: a percepção da paisagem está diretamente ligada à experiência humana e sua ação*"; e o último campo, o da psicanálise, que "*discute a maneira como o ser humano transfere inconscientemente para a paisagem, o desejo de reencontrar sua identidade.*"

Este capítulo foi redigido a partir de um conhecimento adquirido no contado direto com o morador e seu cotidiano, associado a estudos de percepção e representação, e narrativas de paisagem. A dificuldade na análise desse material dá-se em dois níveis: um na responsabilidade de um aprofundamento pela subjetividade dos moradores estudados, por via da psicanálise ou da psicologia. Outro, porque muitos desses métodos de representação, como o "mapeamento mental" é feito estritamente sobre o objeto produzido, ignorando a história de vida e seu contexto social.

Assim, apresentam-se análises feitas com alguns grupos de moradores dentro de uma lógica espacial e temporal (tempo de moradia no distrito e local da moradia). É preciso atentar que a cada possível aproximação da realidade, apresentam-se outras variáveis, não sendo

possível a compreensão dos fenômenos de maneira rígida, o que valoriza, inclusive, a complexidade destes fenômenos.

4.1 O valor da paisagem para um grupo de moradores militantes

O primeiro estudo dá-se sobre um grupo de moradores que compartilham experiências de comuns (políticas e sociais), em torno das questões da região. É um grupo que tem como característica, interferir no ambiente, através de lutas e mobilizações populares.

Mesmo que cada pessoa desse grupo tenha formas de compreensão particulares da paisagem do distrito, alguns aspectos são compreendidos de modo semelhante. São visões de paisagem que estão relacionadas às experiências comuns, em meio a problemas com enchentes, dificuldade de mobilidade, solidariedade, entre outras situações. Suas compreensões de paisagem são construídas além dos olhares que lançam sobre o espaço, é um constante exercício de adaptação à essas problemáticas, associado à construção de um conhecimento desse ambiente.

Para esse grupo, as escolhas de referências sobre a paisagem estão alicerçadas em interesses coletivos. Há uma intencionalidade em querer manifestar as coisas que afetam toda a comunidade. Assim, para eles, falar da paisagem, foi como uma bandeira política, "um grito", através do qual fizeram suas reivindicações.

Esse grupo foi escolhido por representar uma das maiores influências que sofri em meu percurso inicial de campo, quando descobri a paisagem do distrito, em 2003, pelo olhar de alguns moradores e de modo especial, pelo de Sandra Regina. Ela havia sido contratada como Agente Comunitária, para me acompanhar durante as visitas no distrito, para a realização de um Plano de Ação Urbano e Habitacional. Eu, contratada do Grupo Técnico de Apoio, empresa responsável pela elaboração do plano, fui

encarregada de conhecer a região, para a elaboração inicial do diagnóstico.

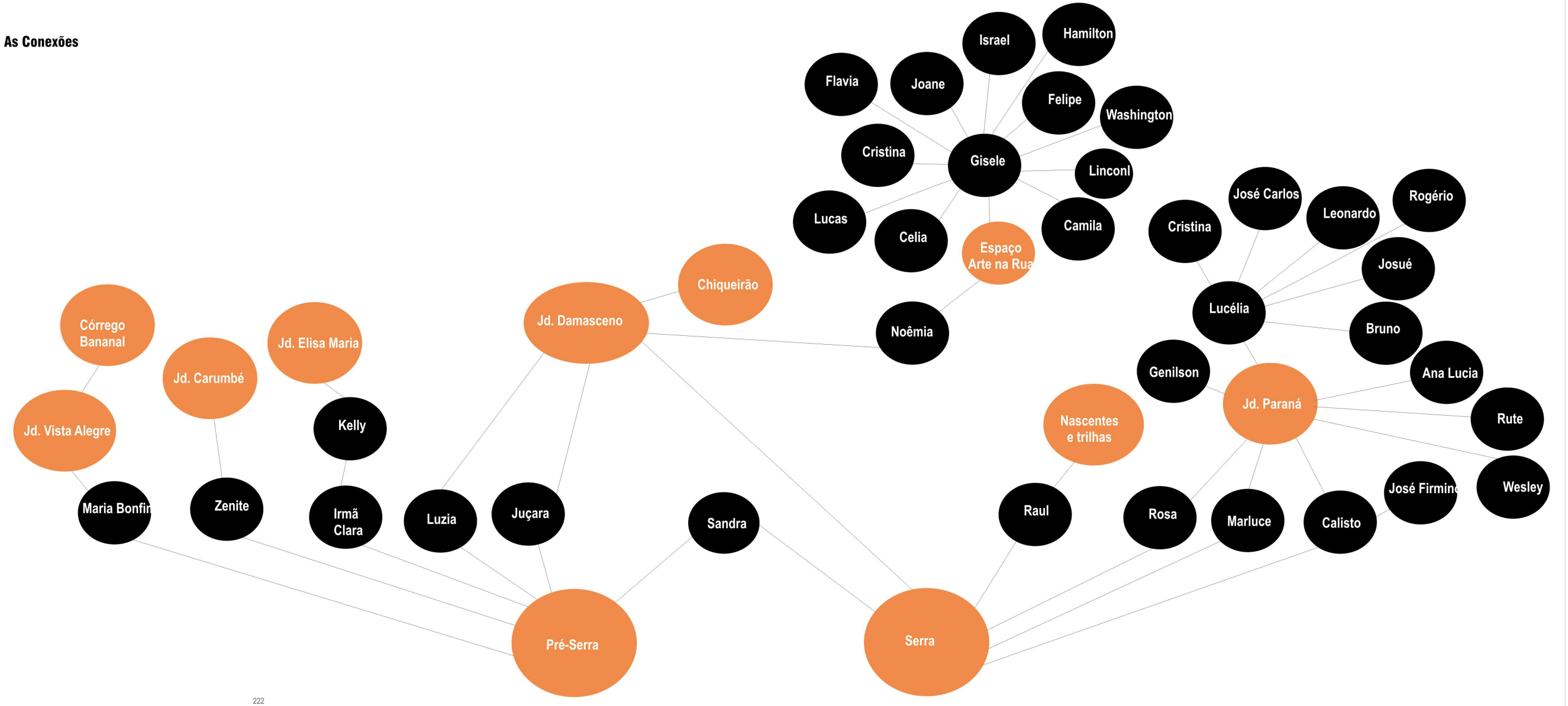
Conheci a Brasilândia pelo olhar de Sandra e do grupo no qual está inserida. Isso porque ela estava encarregada de me apresentar o distrito, mas não poderia apresentar todos os lugares e pessoas, ela fez escolhas. Estas foram determinadas por valores e intenções. Ofereceu-me um conhecimento local, baseado no que acreditava que era importante ser mostrado naquele momento. Algumas dessas escolhas foram feitas por vínculo ou por "plataforma" política, o que poderia mostrar-me que pudesse resultar em mudança naquela paisagem.

Depois desse trabalho, continuei, enquanto pesquisadora, a percorrer o distrito, e Sandra sempre me acompanhou, porém agora, como moradora. Ao ingressar no mestrado, o conhecimento que já tinha do distrito foi reconstruído. Os percursos deram-se de outra forma, com base em um conceito de paisagem que apontava para uma compreensão crítica e complexa da realidade.

Assim, conheci novos lugares e novas pessoas, que marcaram a história desses lugares, e estas me apresentaram outras pessoas e outros lugares, possibilitando-me descobrir novos sentidos para a paisagem. As conexões estabelecidas com esses lugares e essas pessoas deram-se como uma rede, ao mesmo tempo sem ordem ou hierarquia[2], resignificando, a cada momento, todos os pontos.

2 Gilles Deleuze e Félix Guattari, em 1976, fazem da metáfora vegetal do rizoma, um conceito filosófico, opondo-se ao modelo arborescente e unitário do pensamento piramidal . O Rizoma desta forma é uma rede, contrária a idéia de ordem e hierarquia. Não há simetria, é constituído pela desordem. Seus pontos não são fixos e é descentralizado. (JACQUES, 2003:132).

As Conexões


Israel
Hamilton
Flavia
Joane
Felipe
Washington
Cristina
Gisele
Linconl
Lucas
Celia
Espaço Arte na Rua
Camila
Chiqueirão
Jd. Damasceno
Noêmia
Córrego Bananal
Jd. Carumbé
Jd. Elisa Maria
Jd. Vista Alegre
Kelly
Maria Bonfim
Zenite
Irmã Clara
Luzia
Juçara
Sandra
Pré-Serra
José Carlos
Leonardo
Rogério
Cristina
Josué
Lucélia
Bruno
Genilson
Ana Lucia
Jd. Paraná
Rute
Nascentes e trilhas
José Firmino
Wesley
Raul
Rosa
Marluce
Calisto
Serra

Para compreender melhor a percepção do grupo de moradores que lutam por melhorias no distrito, propus a Sandra, fazer entrevistas com alguns desses moradores. Um exercício de re-olhar a paisagem através do outro, a partir de um procedimento que consistiu em entrevistas semi-estruturadas.

A entrevista tinha um roteiro de perguntas que focavam três temas: 1- As transformações na paisagem; 2- As expectativas em relação a essa paisagem; 3- Os valores atribuídos à Serra da Cantareira. Essas questões permitiram compreender como o grupo entende essa paisagem periférica (como a percebem), como a produzem e, principalmente, que expectativas têm em relação a ela, que paisagem desejam[3].

Foi elaborado um roteiro de perguntas com oito questões, sendo elas[4] :

1- Sempre morou no distrito? Se não, qual a sua origem?
2- Como era o distrito antigamente ou como era, quando chegou?
3- Descreva a paisagem do distrito.
4- O que gosta na paisagem?
5- O que não gosta?
6- Qual paisagem deseja para o distrito?
7- Qual o futuro do distrito?
8- Como é a Serra da Cantareira?
9- Qual a importância da Serra?

3 Sente-se, agora, a necessidade de aprimorar o procedimento, a partir de uma construção conjunta desses procedimentos, com os moradores, verificando se há alteração significativa nos resultados.
4 A palavra paisagem foi inserida neste roteiro, inclusive, para poder identificar diferentes conceitos de paisagem entre os moradores.

NOME Pamila Rismy Santos Lopes
IDADE 21
SEXO F
BAIRRO ONDE MORA Cohab Brasilândia

1. Sempre morou aqui? Se não qual a sua origem?

   não

2. Como era o distrito antigamente? Como era o distrito quando chegou?

   Era mais Verde, tinha menos
   capoeira

3. Descreva a paisagem do distrito?

   Feia

4. O que gosta na paisagem?

   paisagem da Cantareira

5. O que não gosta?

   desmatamento

6. Qual paisagem você deseja para o distrito?

   mas Lazer

7. Qual o futuro do distrito?

   melhor

8. Como é a Serra da Cantareira?

   Desmatada

9. Qual a importância da Serra?

   meio ambiente

Sandra escolheu doze pessoas para entrevistar (setembro, 2006), sendo elas moradoras do Jardim Guarani, Jardim Damasceno, Cohab Brasilândia, Jardim Elisa Maria, Vila Brasilândia, Freguesia do Ó, Jardim Vista Alegre e Jardim Princesa, do qual é moradora.

A maioria dos entrevistados são migrantes e moradores do distrito há mais de quinze anos e, segundo Sandra, são "*pessoas que vivem e trabalham aqui, que têm um história coletiva.*" . O que reforça a idéia de paisagem coletiva, ou um olhar coletivo sobre o espaço e não um particularizado, como veremos a seguir.

Ao serem questionados *como era a paisagem do distrito,* os moradores falaram de uma paisagem que gerava sentimentos contraditórios. De um lado, a precariedade da infra-estrutura e das casas da época, e por outro, a exuberância da Serra, de estar ao lado dela.

> "*Não tinham ruas asfaltadas, nem luz, nem água encanada, mas se tinha muito verde*". *Maria Cícera de Salles*

Os moradores entrevistados, ao descreverem a paisagem atual do distrito, revelaram o seu conceito de paisagem. A maioria falou da vista que tem do alto de suas casas, uma vista panorâmica. Poucos associaram a paisagem do distrito com o que vêem em seus percursos diários.

Porém, ao falarem do futuro dessa paisagem, trouxeram essa visão panorâmica para situações do cotidiano. Nesses recortes, o aumento da violência e da degradação ambiental foram as principais características levantadas.

NOME COSMO CARNEIRO DA COSTA
IDADE 30
SEXO MASCULINO
BAIRRO ONDE MORA JARDIM DAMASCENO

1. Sempre morou aqui? Se não qual a sua origem?

NÃO.
SÃO LUÍS

2. Como era o distrito antigamente? Como era o distrito quando chegou?

NÃO MUDOU NADA

3. Descreva a paisagem do distrito?

~~[illegible]~~

A VISTA EM ALGUNS PONTOS PARA A REGIÃO OESTE, SITUADA NO ALTO

4. O que gosta na paisagem?

A VISTA PARA A CANTAREIRA, EM CERTO PONTO, O AGRUPAMENTO DE CASAS SOBRE OS MORROS.

5. O que não gosta?

A FALTA DE SEGURANÇA, SANEAMENTO BÁSICO, EDUCAÇÃO E GERAÇÃO DE RENDA.

6. Qual paisagem você deseja para o distrito?

URBANIZAÇÃO DA FAVELA.

7. Qual o futuro do distrito?

AUMENTO DA CRIMINALIDADE ETC.

8. Como é a Serra da Cantareira?

BONITA, MAIS OCUPADA POR RICOS E POBRES DE FORMA ILEGAL O QUE CONTRIBUI PARA A DEVASTAÇÃO

9. Qual a importância da Serra?

É O PULMÃO DE SÃO PAULO

Mesmo descrevendo uma paisagem sem esperança, para o futuro, ao serem questionados sobre *a paisagem que desejam*, e que possivelmente tentarão construir, temos um outro modo de ver esse espaço: principalmente como um lugar regularizado, no qual as favelas são urbanizadas, os bairros terão áreas de lazer, segurança, novos equipamentos e muito verde. É importante ressaltar que, para eles, esta "legalização" é o reconhecimento pelo poder público, de sua existência e de suas necessidades e que, principalmente, prover melhorias urbanas não significa acabar com as favelas, e sim, levar referências urbanas a elas.

Nas entrevistas, as áreas verdes aparecem como um resgate do que já foi o distrito, inclusive todos falaram que *o que gostam na paisagem do distrito* é a Serra é "*poder olhá-la*". E *o que não gostam na paisagem* é, além da miséria, a degradação da mata. O que mostra que os moradores não estão alheios a esse processo, inclusive, ao descreverem a Serra, falam das ocupações sobre ela.

> *"A mata está diminuindo a cada dia". Francisco Vieira Brás*

A Serra da Cantareira é o elemento presente e permanente na história dessa população. Parece, por vezes, como uma fuga, um descanso do olhar, um não querer ver as precariedades da área urbana.

> *"É o único espaço verde que temos para olhar". Marlene Francisca da Silva, falando da importância da Serra.*

Esse estudo, além de permitir a compreensão da percepção que o grupo tem sobre esse ambiente, permitiu entender o quanto a moradora Sandra seria influenciada pelos moradores (tirando a particularidade de sua percepção).

Por isso, foi solicitado à moradora que, antes de fazer as entrevistas, fizesse uma pequena redação sobre a paisagem do distrito de Brasilândia, para ter um registro inicial dos seus valores atribuídos à paisagem. Após as entrevistas, foi solicitado que, se necessário, refizesse sua redação, como forma de comparar a transformação ou não deste olhar.

A primeira redação não teve autorização de ser anexada ao trabalho. Na segunda, anexada a seguir, é possível perceber como em seu olhar sobre o distrito estão expressos condicionamentos socioculturais e valores de um grupo social que, cotidianamente, procura contribuir para a redução da degradação ambiental e da exclusão social dessa região.

Sandra apresenta a paisagem por um de seus contrastes, representados pela Serra e pela autoconstrução. Percebe os impactos ambientais à Serra, causados por essas ocupações, porém não reduz essa forma de construção a um problema social e ambiental. Lembra que são resultado de luta, e que fazem parte da história da população.

A paisagem do Distrito para Sandra

O Distrito da Brasilândia é uma Paisagem cheia de contraste, vejo com admiração a Serra linda, a pedir socorro por conta das ocupações irregulares e as ditas regulares como Parque Itaguaçu Cantareira, dentre outras...

A paisagem arquitetônica é audaciosa, traduz a luta do povo por moradia, o aproveitamento dos espaços.

A parte consolidada é estruturada, tendo mais espaços para o verde e equipamentos públicos.

A paisagem que mais me doca é Piqueirão, a Av. Hugo Ítalo Merigo, o descaso do Poder Público.

Porém no conjunto vislumbro um potencial enorme, pelas lutas, pessoas que são referência por seus trabalhos, por investirem no Distrito.

4.2 Olhares de antigos moradores sobre o espaço - exercício de percepção sobre as transformações da paisagem

O segundo estudo dá-se com antigos moradores, tendo como objetivo, compreender as diferentes percepções sobre as transformações espaciais da paisagem do distrito. Diferente do grupo anteriormente estudado, esses moradores não foram escolhidos por partilharem experiências socioespaciais comuns (na forma de uma luta política); foram escolhidos por morarem há muito tempo na região, permitindo uma análise temporal mais longa.

Foram colhidas narrativas de paisagem, em entrevistas abertas, que tinham como recorte, a paisagem do distrito e suas transformações (como detalhado no capítulo 1). Aos moradores foram feitas três perguntas: 1- Como era a paisagem do distrito? Como é hoje essa paisagem ? Qual o futuro dessa paisagem?

Para esse estudo foram escolhidos cinco moradores, sendo dois da área consolidada do distrito, dois da pré-Serra e um da Serra da Cantareira. São moradores que conheci nos diversos percursos que fiz pela região.

Essas entrevistas não tiveram a intenção de registrar fatos históricos, e sim, perceber o que estava sendo escolhido para ser lembrado. Assim, as recordações deram maior complexidade a esse estudo, já que em sua manifestação, acabava por resignificar a percepção da paisagem atual e sua valoração. Foi um reencontro com o passado, que leva a uma nova leitura, na qual outros aspectos podem ser evidenciados.

> *" Tudo se passa como se o objeto fosse visto sob um ângulo diferente e iluminado de outra forma: a distribuição nova das sombras e da luz muda a tal ponto os valores das partes que,*

embora reconhecendo-as, não podemos dizer que elas tenham permanecido o que eram antes" (BERGSON, 1959:114 apud BOSI, 1994:57)

Narrativas de Paisagem

Maria Bonfim é moradora do distrito desde 1972, mãe de nove filhos, trinta netos e cinco bisnetos. Mora na margem esquerda do Córrego Bananal e percebeu toda a mudança da paisagem nesse período:

"Vim de Goiás e fui morar no centro da cidade no Largo do Arouche. Na década de 1960 minha família mudou-se para a Brasilândia e o transporte era feita apenas por um ônibus, o 68 Itaberaba e também o Pau-de-Arara - uma caminhonete que eles colocavam bancos para a gente sentar. No fim da década de 1960, eu vim morar na Brasilândia no Jardim Iracema. Do alto da Av. Itaberaba, dava para ver a Av. Pompéia, pra você ver que não tinha casa nenhuma. Eu pagava aluguel e era muito difícil. Então vim para o Jardim Vista Alegre, em novembro de 1972, porque aqui teria a chance de ter a casa própria. Não tinha, água, asfalto, e a condução era distante. O único ônibus que vinha para esta região era o chamado Paradão, e vinha só até metade da Av. Cantídio Sampaio. Naquela época, mesmo do lado do córrego a paisagem aqui era muito linda, era tudo mata. Deste córrego para cima até o Jardim Princesa eram aquelas relvas. Mas hoje, está diferente, é como tudo no mundo, coisas

morrer, eu louvo a Deus pela vida dos meus filhos, principalmente porque eu trabalhava fora e eles ficavam sozinhos. E a outra coisa ruim é falta de espaço. As casas aumentaram muito, isso mudou muito a paisagem. Antes a gente tinha um ar gostoso."

Dona Maria Bonfim fala também que só tem vontade de mudar do lugar onde mora porque tem vontade de plantar e voltar a ter uma criação de galinhas. Esse espaço não existe mais, porque foi cedido para a ampliação da casa que hoje abriga também alguns dos filhos que casaram e para a oficina de artesãos da família.

"Tô aqui no meu cantinho, e estou bem aqui. Quando começo a sentir falta de alguma coisa, tento pensar rápido em outra coisa. A felicidade está dentro da gente, você pode morar no céu, mas se você não se sente feliz ali, não adianta. Você pode morar em um quartinho como eu já morei com minha família toda, mas se você se sente feliz, está tudo bem. Gosto muito daqui, não só do lugar em si, mas das minhas conquistas."

Se eu, enquanto pesquisadora, não conhecesse as dificuldades e até mesmo a precariedade de muitas das moradias localizadas as margens do córrego Bananal, como a de Dona Maria, e a ouvisse falar sobre o lugar onde mora, o imaginaria todo diferente. Em nenhum momento ela falou das constantes enchentes. Quando perguntei a ela sobre isso, ela só lembrou da solidariedade que há nesses momentos, entre os moradores, falando do

"ritual" das famílias da região, que após cada enchente, ajudam-se para lavar das casas e quintais todo o barro.

Kelli Suzana da Silva, de 27 anos, moradora do Jardim Elisa Maria, um bairro que começou a ser ocupado na década de 80, apresenta uma outra percepção da paisagem. Ela chegou ao distrito para morar em casas embrião construídas em sistema de mutirão.

> *"Viemos morar nas casas construídas pelo mutirão, nelas não tinha água e nem luz. Em compensação, os morros em volta eram verdes. Eu, quando criança, brincava entre as pedras que hoje sumiram no meio dos barracos. Lembro também, quando as árvores foram cortadas para dar lugar às casas, foi um momento de muita dor. Mas sei que as pessoas precisavam morar."*

Falar com Kelli foi diferente, a cada pergunta, ela olhava para a sua janela que tinha como vista um grande muro e ficava tentando lembrar o que já havia avistado dali um dia. Em seus relatos, mostrou que compreende as transformações da paisagem (a problemática social envolvida), mas que não gostou dessas mudanças, principalmente da substituição das áreas verdes por barracos.

O que nos outros depoimentos foi relatado como conquista, para ela é reflexo da exclusão social. As pessoas não escolhem morar em barracos nas favelas, moram porque não têm opção. Ela lembra também que as ocupações irregulares resultaram na falta de áreas de lazer e de espaços para a implantação de equipamentos públicos, como postos de saúde e escolas, mas acredita em um futuro melhor, razão que a mantém na comunidade.

"Muitos jovens na minha idade sumiram do bairro, uns estão trabalhando, outros estão na cadeia ou morreram e muitos foram embora. Mas acredito que aqui tenha muito potencial, eu fui para Pirajuí, no interior de São Paulo, para um convento e fiquei lá dois anos e não agüentei, senti falta da minha comunidade. Parecia que, indo embora, as pessoas que eu incentivo a lutar poderiam ficar desanimadas. Hoje sei, esse é o meu lugar."

São várias as paisagens do distrito, e várias formas de perceber cada uma delas, e de viver em cada uma delas. Foi assim, buscando uma paisagem diferente dessa de ocupações irregulares ou sobre córregos, que conheci o Sr. Raul Siqueira, antigo morador do distrito. É um velho senhor de 78 anos, que mora no último sítio da região, o chamado Sítio Bananal do velho "Prado", como ele mesmo chama seu antigo patrão, já falecido.

Ele foi para o distrito com um objetivo diferente da maioria dos moradores de lá, foi para trabalhar, cuidar de roça e de cavalos. Não foi para o distrito porque era a única alternativa de moradia, ou mesmo a mais barata. E isso faz com que ele conte um pouco de seu passado e de como era essa região e como ela está hoje, com tristeza.

Ele não sonhava em construir algo, e sim, em conservar a paisagem que, para ele, era "*a coisa mais linda*". Hoje ainda existe sua velha casa, que destoa na paisagem ao fundo, de casas irregulares do Jardim Vista Alegre. O campo de que tanto fala, em suas memórias, e onde criava os cavalos, hoje foi substituído por um "piscinão", construído pela prefeitura em 1999, como forma de conter as cheias do Córrego Bananal - uma obra com grandes impactos ambientais. Com a falta de manutenção, além de

acumular lixo e de contaminar nascentes que eram preservadas até então, o abandono do poder público fez com que a população também abandonasse uma área que foi lazer para muitos outros moradores durante décadas.

Hoje, para o Sr. Raul, a *"paisagem é triste"* e, com as mãos nos bolsos, fala emocionado e sem esperanças sobre o futuro.

> *"O futuro eu não sei como vai ser, alguma coisa pode acontecer, mas não sei. Acho que como nas outras áreas da Serra, isso tudo vai estar ocupado daqui uns 10 anos. E aí, pessoas como eu, que estão acostumados com essa paisagem e com a mata, vão embora. Gosto demais daqui, mas é triste como está hoje e parece que vai ficar pior. Antes a Serra era protegida por vários guardas, os guardas mata e os guardas água, eram várias guaritas e ninguém sujava aqui. Depois foi tudo acabando."*

O Sr. Raul fala da época em que a Serra da Cantareira era importante elemento de infra-estrutura para a cidade, na produção de água potável, e que o afastamento da área urbana, das áreas de mananciais, era importante para manter as mesmas puras (como detalhado no capítulo 3).

O Sr. Raul percebeu a drástica transformação da paisagem, e não se enxerga mais nela; ele não produziu essa nova paisagem. Esse é um processo diferente da paisagem comum da favela, do loteamento clandestino, que mesmo que represente precariedades, refletem também conquistas da população, suas lutas, sua identidade; suas escolhas, erradas ou não, estão materializadas na paisagem.

A conversa com Sr. Raul, e a possibilidade de imaginar através de suas memórias como era lindo o lugar em que morava e que hoje está completamente abandonado, reforçou o que já havia em estudos anteriores

levantado: que boa maior parte da população do distrito desconhece a importância ambiental da Serra, e até a desconhecem que estão morando na Serra da Cantareira ou ao lado dela, mesmo que o meio físico mostre isso a eles a todo momento, não só quando têm enchentes, mas ao caminhar pelos bairros e sentir a dificuldade de mobilidade, devido às características acidentadas do sítio.

Ao mesmo tempo, todos têm em comum a lembrança da mata chegando até as suas casas, ou como vista de suas janelas, mesmo morando em lugares diferentes do distrito ou mesmo tendo chegado ao distrito em períodos diferentes. Um exemplo é a dona Zilda Moura, de 53 anos, moradora do distrito há 41, viu o primeiro barraco ser construído da primeira favela do distrito, a favela Icaraí, e lembra como era bonita a vista de sua janela.

> *"Eu tinha 12 anos quando cheguei, quando minha mãe comprou aqui, não tinha água, não tinha luz, aqui era um barraco. De lá pra cá evoluiu bastante, agora temos água, asfalto, luz. Aqui tinha muito mato, não tinha essa favela, só tinha um barraquinho que era da Dona Zefa, que antes de ter seu barraco morou aqui com minha família. Ela tinha muitos filhos, e minha mãe, com dó dela, foi até a prefeitura e pediu um pedaço de terra para ela morar. Eles deram a permissão e ela montou seu barraquinho. Hoje é a favela do Icaraí, a primeira favela da região. Depois da Zefa, outras pessoas foram chegando, todo mundo ia na prefeitura pedir permissão para morar. Depois de algum tempo, começaram a invadir."*

De um modo geral, moradores antigos e novos percebem as mudanças da paisagem do distrito, isso porque elas ocorrem de maneira muito rápida, principalmente aquelas resultantes de ocupações irregulares e clandestinas. Como relata Waldir dos Santos, jornalista e morador do distrito de Brasilândia desde 1978, que lembra do distrito como uma pequena "*cidade do interior*".

> "*Naquela época, nós que éramos crianças, ficávamos em casa. Aqui parecia uma cidadezinha do interior, com muita vegetação, não tinham favelas, essa é a grande diferença deste novo período. Antes tudo era comprado. A mudança foi rápida, as favelas apareceram do dia para a noite, eram pessoas de fora do distrito que chegavam. Nós que fazemos parte do bairro sentimos essa transformação, mas aceitamos. Quem ficou 30 anos fora e voltou, não reconhece essa paisagem, foram muitas as mudanças. Mas o que mais nos afeta são as ocupações no pé da Serra. Da minha casa vejo o CEU da Paz, à direita e o Jd. Damasceno, à esquerda, e com as novas ocupações, essas áreas que eram distantes, estão se tornando uma coisa só*".

Com relação ao futuro dessa paisagem, foram reveladas diferentes expectativas. Por um lado, os moradores da região consolidada falam do desenvolvimento do distrito, de sua verticalização, uma valorização do distrito a partir de intervenções urbanas. Por outro lado, os moradores da pré-Serra falam de novas lutas populares, de um maior comprometimento com o ambiente, principalmente dos jovens; uma possível valorização da paisagem determinada pelo potencial humano do distrito.

Mesmo sendo formas estanques de imaginar o futuro dessa paisagem, elas se assemelham em querer que, de alguma forma, esta seja valorizada. O único olhar sobre o futuro da paisagem, sem esperança, foi do único que mora na Serra, o Sr. Raul.

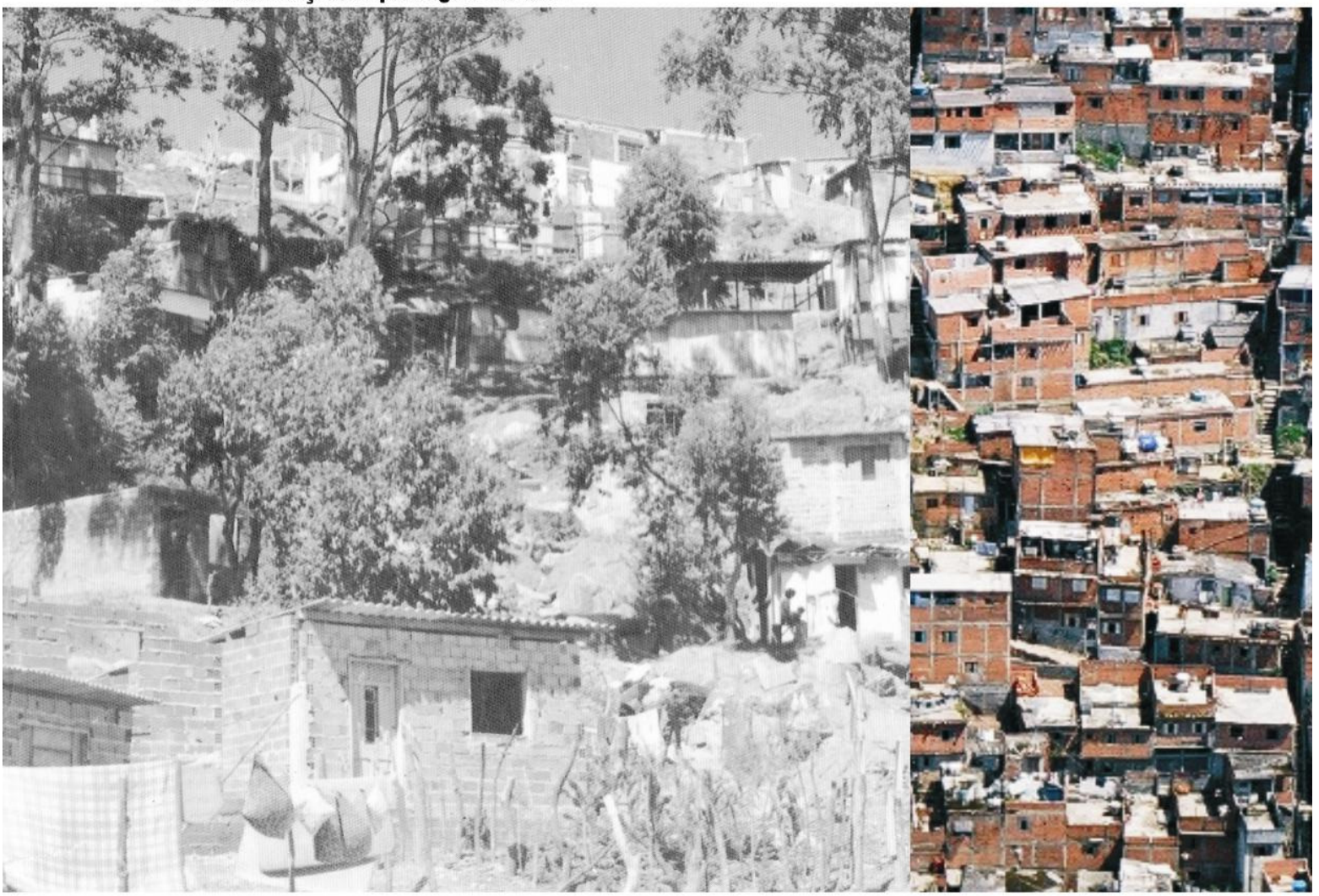
> *"O futuro eu não sei como vai ser. A gente espera que alguma coisa aconteça, mas não sei. Por exemplo, ali, no lado do Jardim Paraná, o pessoal já invadiu tudo, e dizem que hoje estão pagando o terreno que invadiram. Olha, eu calculo que será o mesmo futuro para essa região. E aí pessoas como eu, que estão acostumadas com essa paisagem, vão embora. Que nem eu , sou tão acostumado aqui que vou para a cidade na casa das minhas filhas, eu tenho três filhas casadas, e eu vou para lá e não vejo a hora de ir embora. Não me acostumo com o barulho da cidade. Eu gosto demais daqui, quantos anos eu trabalho aqui. Tenho muitos amigos...nossa amigos da minha idade são muitos, os que trabalhei juntos, que fizemos bagunça juntos. Gosto, gosto mesmo. Mas olha, não sei não, daqui uns anos, como falo para você , quem viver verá. Daqui uns dez anos parece que vai ficar pior."*

A Transformação da paisagem de Maria Bonfim

Maria Bonfim com família no início das ocupações do córrego Bananal e a Paisagem Atual da região

Fonte: Levantamento de fotos do cotidiano dos moradores em outros tempos , Cecília Machado Foto à esquerda disponibilizada pela moradora, e foto à direita feita em um percurso de campo 2006.

A Transformação da paisagem de Kelli



Início da ocupação do morro em que Kelli brincava década de 1990. A paisagem atual.

Fonte: Levantamento de fotos do cotidiano dos moradores em outros tempos , Cecília Machado Foto à esquerda disponibilizada pela moradora Kelli, e foto à direita retirada do levantamento de risco (FUNDONESP ,2003).

A Transformação da paisagem de Raul Siqueira

Foto de cima mostra a região do Sítio Bananal em 2003, na época já existia o piscinão porém eram feitas manutenções regularmente. A foto abaixo mostra a paisagem atual.

Fonte: Levantamento de fotos do cotidiano dos moradores em outros tempos , Cecília Machado Foto de cima, trilha do Sítio Bananal em 2003, foto abaixo piscinão do Bananal em 2006.

A Transformação da paisagem de Zilda e Waldir

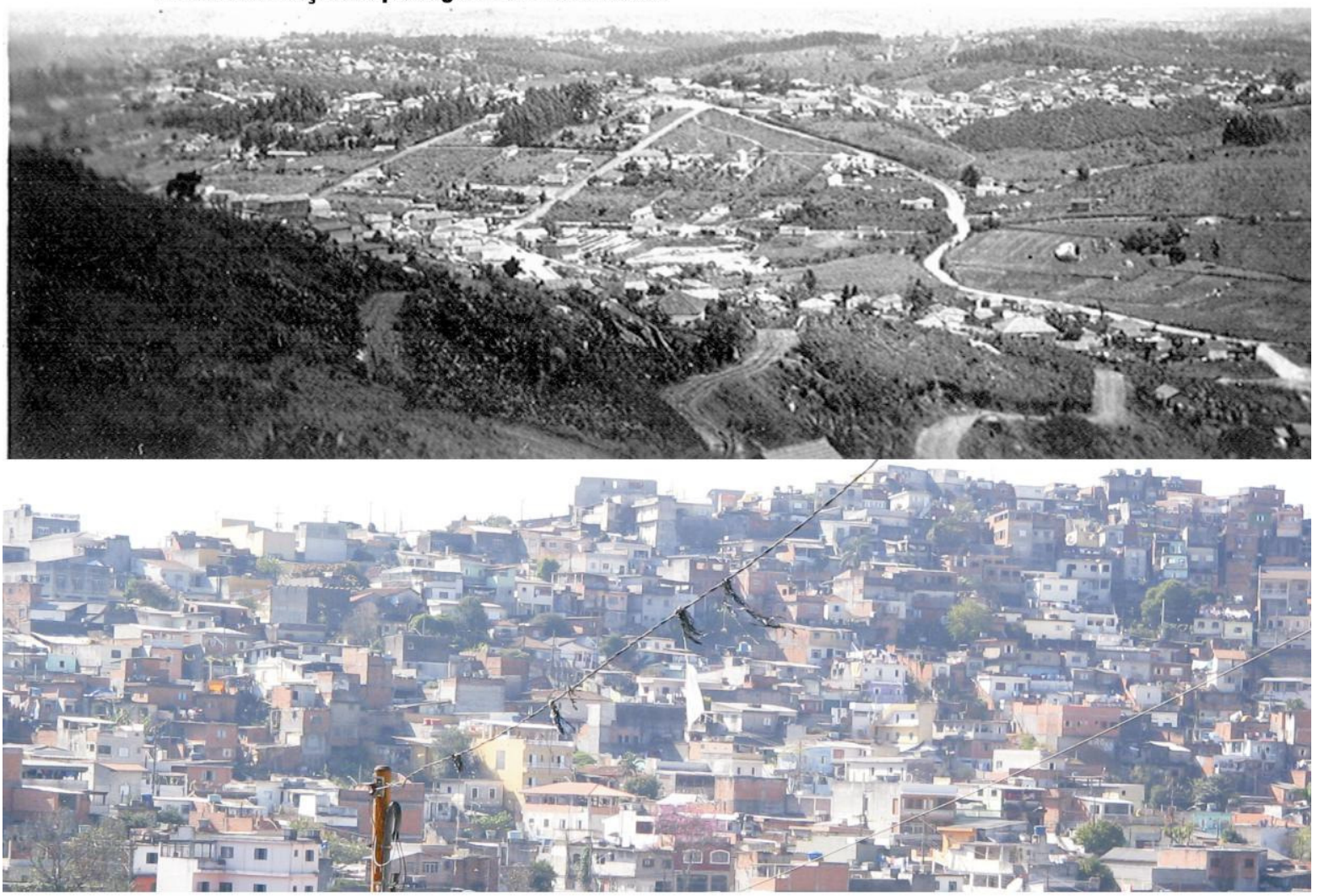


Foto de cima mostra a região hoje consolidada do distrito na época em que não haviam ocupações irregulares. A foto abaixo mostra a paisagem atual.

Fonte: Levantamento de fotos do cotidiano dos moradores em outros tempos , Cecília Machado Foto de cima, disponibilizada por Célio Pires, joranlista e morador da região, foto abaixo tirada da janela de Dona Zilda, em 2006.

4.3 Uma nova consciência - o olhar de crianças e jovens moradores da Serra da Cantareira

Nesse estudo foram feitos novos recortes para análise: espacial e etário. Com isso, foram escolhidas crianças e jovens moradores do Jardim Damasceno, localizado junto à Serra da Cantareira.

Esse estudo teve como objetivo, compreender o valor atribuído à Serra da Cantareira e a percepção dos problemas ambientais, por essas crianças e jovens do projeto socioeducativo. Esses recortes, permitiram associar a análise da percepção desses jovens e crianças, bem como avaliar o quanto o processo de formação, através da educação ambiental, promovido pelo espaço Arte na Rua, os sensibilizou para essa problemática.

A entidade é considerada de grande importância, já que é a primeira focada na educação ambiental da região, e que foi criada e organizada pelos próprios moradores. Surgiu no início da década de 90, após um grande deslizamento de terra, no qual alguns moradores morreram - um acidente que é um marco na história local.

> *"Em 1990, quando houve o deslizamento, a comunidade sentiu necessidade de se organizar para discutir a questão ambiental, já que se encontravam em uma área de Serra esquecida pelo poder público. A comunidade organizou primeiramente um Fórum, e depois de algumas reuniões, percebemos que tínhamos que ter um espaço que pensasse a questão ambiental, já que estávamos em uma área de importância ambiental e de risco. Então o Arte na Rua começou a desenvolver atividades educativas e pedagógicas sobre o meio ambiente, na rua. Fizemos mutirões de limpeza no bairro, plantamos mudas nas calçadas, entre outras coisas. Como as atividades eram feitas na rua, quando chovia,*

tínhamos que parar tudo. Nesse momento, escrevemos um projeto e apresentamos para a prefeitura, solicitando um lugar para desenvolvermos o projeto. Tinha este espaço que estamos hoje, que na época estava sendo usado pela própria prefeitura, que estava fazendo algumas obras no bairro. Tivemos a permissão da prefeitura para ocupar este espaço, que foi construído pela comunidade. Algumas entidades doaram materiais para a construção. Depois de pronto, o barracão de madeira também começou a abrigar a Associação de Moradores do bairro, além das atividades das crianças e dos adolescentes. O Arte na Rua faz a diferença aqui na comunidade". Gisele de Oliveira Mendonça, coordenadora do espaço Arte na Rua e moradora do distrito.

Este estudo foi realizado em março de 2006, tendo a participação de 40 crianças de 06 a 13 de idade, e de 35 jovens, de 14 a 19 anos. Os procedimentos usados foram as entrevistas semi-estruturadas, os grupos focais e as representações de paisagem (apresentados no capítulo 1). Os grupos focais foram feitos com as crianças; as entrevistas semi-estruturadas, com os jovens. Nos dois procedimentos foram discutidas temáticas a partir de perguntas ,como: Como é o lugar onde mora? O que não gosta no lugar onde mora ? O que gosta?

Nas oficinas de representação da paisagem, foi solicitado que os jovens e as crianças, desenhassem a paisagem do lugar onde moram (procedimento detalhado no capítulo 1). Após esse exercício, foram feitas entrevistas abertas com cada criança e jovem, para que contassem o que haviam desenhado.

Quando desenharam ou falaram de aspectos da paisagem, apresentaram seu cotidiano, principalmente situações que desaprovam, entre elas, a violência. Os desenhos também reforçam a idéia de territórios, de diversidade de paisagens. Evidenciam os diferentes modos de morar, representados em barracos, conjuntos habitacionais e casas consolidadas.

Sobre o viés de desaprovação, aparece, por vezes, a natureza impactada, representada principalmente pelos rios poluídos e sujos. Falam das enchentes, situações a que muitos estão expostos. A Serra, por sua vez, é representada pela sua face ocupada. Assim, desenham os morros altos, com ruas e ocupados em parte por casas.

A natureza conservada da Serra, é pouco evidenciada. Interpretação que não pode ser reduzida à da violência atribuída a essa região e às situações de confronto que existem, e que levam a um distanciamento da população. Essas situações estão presentes no cotidiano dos moradores, já que não se restringem à região conservada, sendo mais determinante, nesse processo, a falta de laços com a Serra, de reconhecê-la como um elemento que integra suas vidas, seu dia-a-dia.

O resultado desses estudos mostrou que tanto as crianças quanto os jovens percebem as transformações da paisagem, principalmente com o constante adensamento habitacional; também falam dos problemas ambientais, gerados por essas ocupações, como a poluição dos rios e assim as enchentes (uma percepção que resulta em ações coletivas dessas crianças e desses adolescentes, para resolver este problema). Porém, poucos associam esses aspectos à degradação da Serra, a maioria nem a menciona.

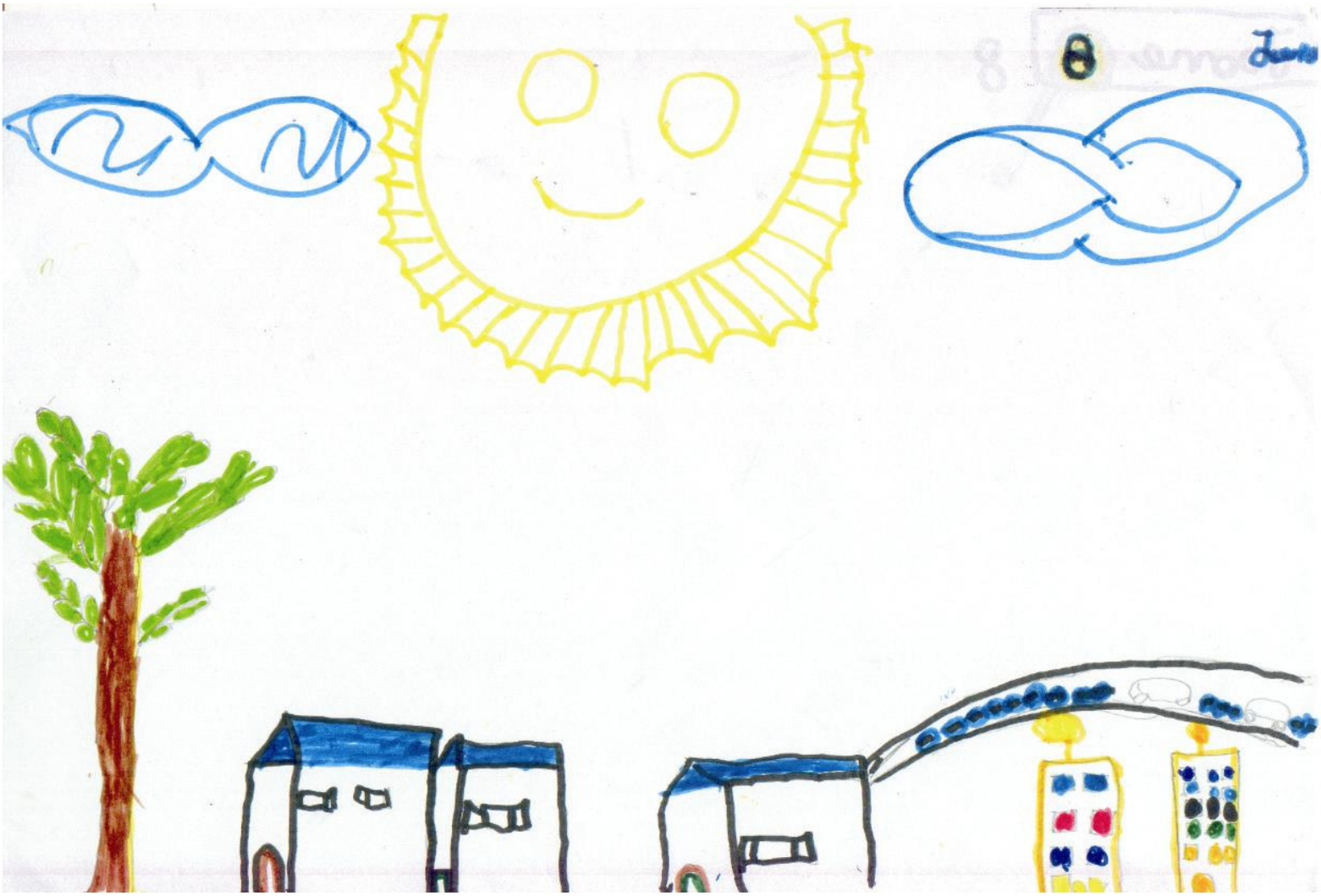
Com isso, questionei a eles: E a Serra da Cantareira? e alguns responderam:

- Não freqüento, os outros falam que é bonito, só que lá tem estuprador.
- Não vou porque não tenho curiosidade.
- Não gosto.
- Muito desmatamento.
- Não, é chato.
- Só conheço de vista.
- Já passei por ela.
- Nada contra.
- Não sei.
- Bom.
- Eu uso como espaço de lazer.

Mais do que um possível desconhecimento sobre a importância ambiental da Serra da Cantareira, as respostas mostraram um "distanciamento" desses moradores com a Serra, mesmo sabendo que não sendo alheios aos seus processos de degradação.

O distanciamento revelado nesses estudos (realizado em março de 2006), vem sendo reduzido com ações organizadas dos próprios alunos, que em dezembro de 2006, elaboraram um projeto visando sensibilizar a todos da importância de cuidar do ambiente em que se vive. Uma das primeiras propostas foi o plantio de mudas de árvores, em torno da entidade, sendo estas retiradas da mata (a Serra). Uma forma de atribuir valor a Serra, já que entenderam que, ao trazerem para a área ocupada fragmentos dessa mata ainda conservada, estariam melhorando o ambiente em que vivem.

Uma ação, que representa uma nova consciência. Na qual, se agrega, ao entendimento da problemática ambiental local, o reconhecimento de que também são responsáveis pela conservação da Serra.



JOANE NUNES DA SILVA 8 ANOS

Como é a paisagem do lugar onde mora?
Lá tem lixo, favela, tem um caminho que vai para o campinho lá em cima, e tem uma avenida no morro lá em cima.

Descreva o seu desenho?
Eu desenhei a casa da minha mãe, minha irmã e da Maria a mãe do Israel meu amigo. Lá tem um monte de árvores, e prédios.

FELIPE DA SILVA 11 ANOS

Como é a paisagem do lugar onde mora?
O lugar onde moro é bom, a gente brinca bastante lá e tenho muitos amigos. Lá tem prédios, campo de futebol, casas um monte de coisas

Descreva o seu desenho?
Eu desenhei o rio, as casas do morro e os urubus e passarinhos.

ISRAEL DA SILVA VIEIRA 09 ANOS

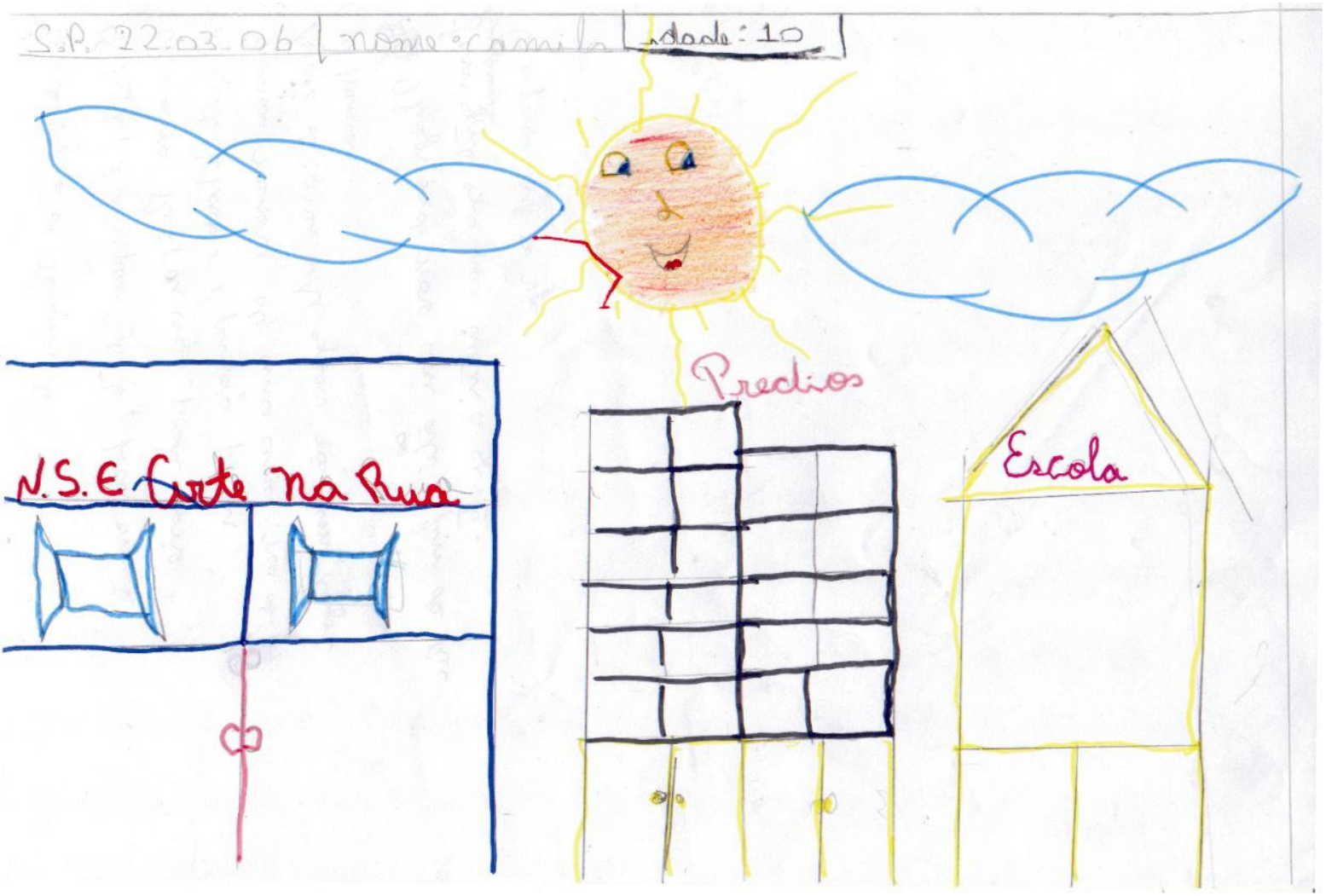
Como é a paisagem do lugar onde mora?
É ruim, os meninos batem na gente. Lá tem barraco e casa de bloco, também tem uma árvore.

Descreva o seu desenho?
Eu desenhei eu, a casa do meu pai, e o Arte na Rua.

CÉLIA CRISTINA FRAGA 11 ANOS

Como é a paisagem do lugar onde mora?
É mais ou menos. Tem gente que estraga as plantas e joga lixo no rio, por isso não acho tão boa a paisagem. As pessoas não deveriam jogar lixo no rio e tudo deveria ser preservado.

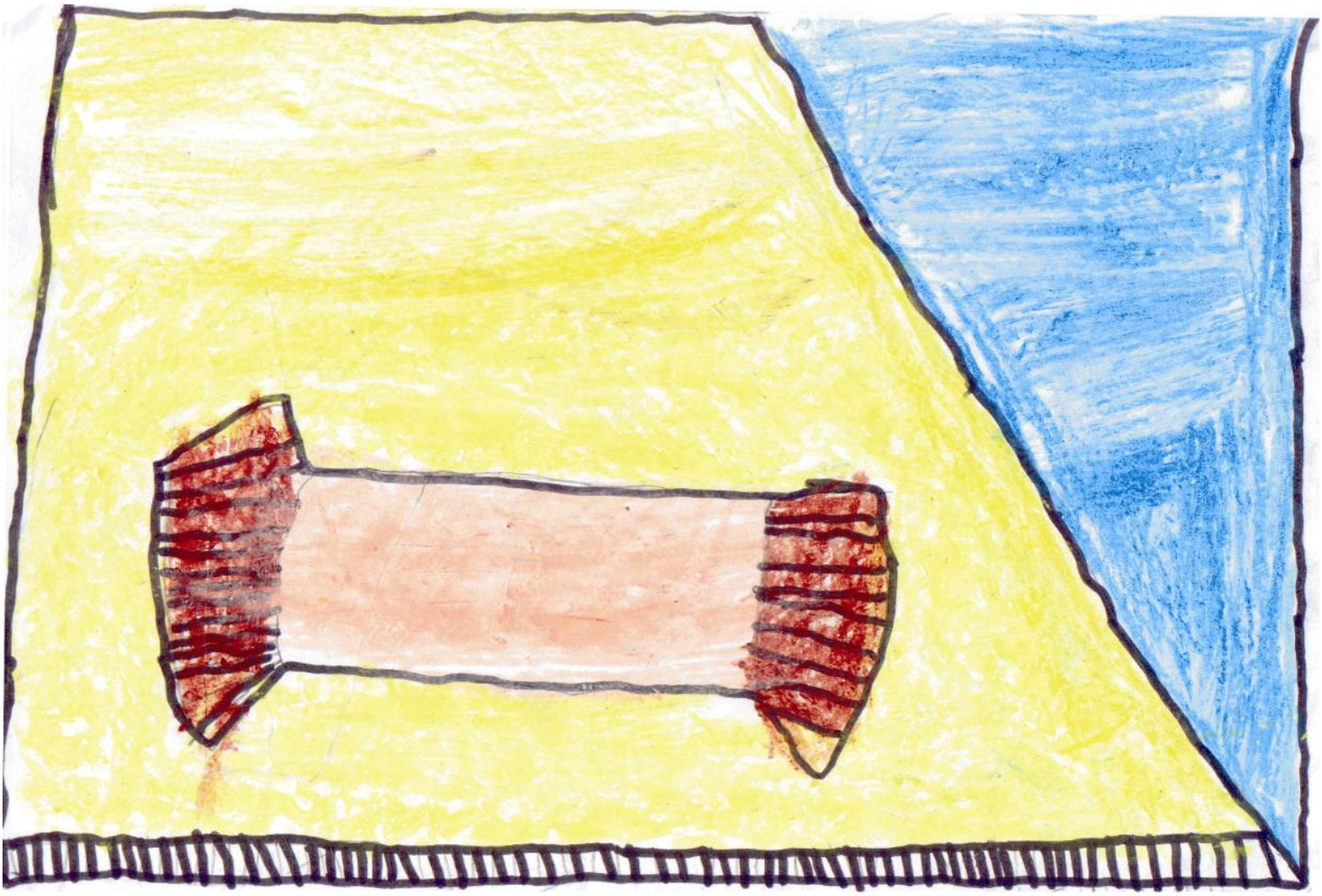
Descreva o seu desenho?
Eu desenhei o Arte na Rua, a escola e os prédios. No céu passaros e borboletas, e uma mensagem para que as pessoas não joguem lixo no rio. Porque quando chove entra água nas casas.



CAMILA BEZERRA DO NASCIMENTO 10 ANOS

Como é a paisagem do lugar onde mora?
É legal mas um pouco violenta. Lá ficam muitas crianças na rua brincando mas é perigoso porque passam muitos carros. Ai a gente fica sem lugar para brincar.

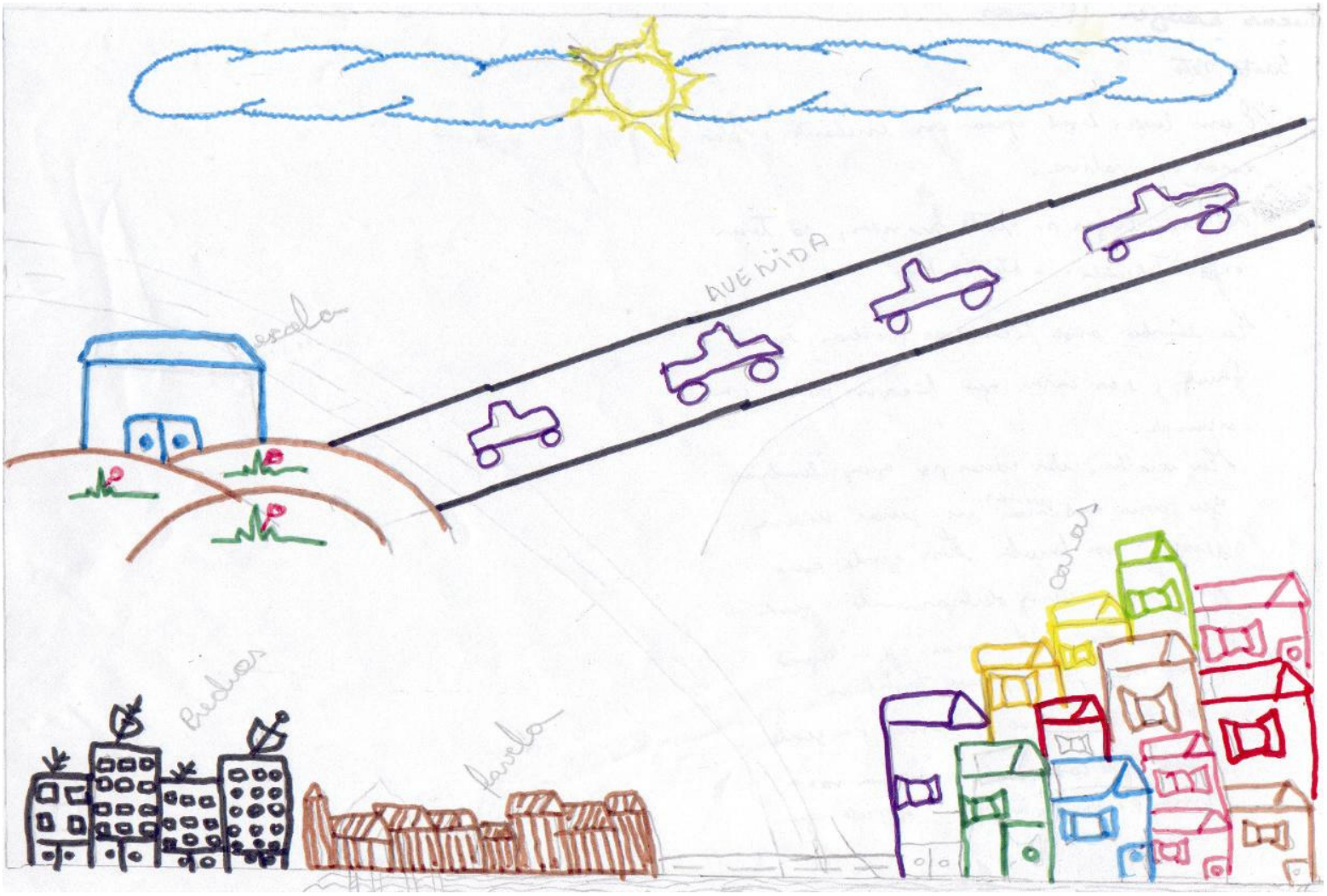
Descreva o seu desenho?
Eu desenhei oArte na Rua, os predinhos da favelinha que se não tivessem feito ninguem até hoje tinha casa e aqui é a escola. Eu escolhi estes lugares porque são os que eu frequento mais.



FLAVIA CRISTINA DA SILVA 13 ANOS

Como é a paisagem do lugar onde mora?
Eu moro na entrada do CDHU. As vezes lá é bom e as vezes é ruim. É ruim porque quando está chovendo molha dentro de casa. Ai minha mãe tem que limpar sozinha o esgoto ninguém ajuda. O pessoal joga lixo e junta rato, um rato já mordeu meu sobrinho. Eu gosto de chegar em casa, de fazer minha lição, de dar comida para o meu cachorro.

Descreva o seu desenho?
Eu desenhei a minha casa, eu gosto de cuidar dela.



LUCAS SOUZA 11 ANOS

Como é a paisagem do lugar onde mora?

É um lugar legal apesar das enchentes e dos casos policiais. Não tem lugar para a gente brincar, só tem o telecentro no Vista Alegre e aqui o Arte na Rua.

Descreva o seu desenho?

Eu desenhei os prédios e a favela perto da minha casa, e as casas do morro. Eu escolhi desenhar estas coisas porque quis lembrar as pessoas que aqui nos prédios elas vivem bem e na favela tem gente que passa fome e sofre com o deslizamento. Nas casas do morro onde moro, também tem gente que não tem nada para comer e a gente ajuda. A vida aqui é assim.

WASHINGON LUIZ 15 ANOS

Como é a paisagem do lugar onde mora?

O lugar onde moro é totalmente diferente, tem um pouco de cada coisa, um pouco de crime, um pouco de alegria, um pouco de paz. Têm quatorze anos que moro aqui, na minha infância era bonito, era legal, não tinham tantas casas, o rio era limpo e bonito. Depois foram aumentando os barracos, sujando rio, lixo espalhado.

Descreva o seu desenho?

De um lado do desenho eu quis representar como era, e do outro como é hoje

LINCOLN AUGUSTO DA SILVA 15 ANOS

Como é a paisagem do lugar onde mora?

É legal, tem várias atividades que são feitas em lugares como aqui o Arte na Rua. Conheço todo mundo, não vejo muitas brigas. É um lugar bom de morar.

Descreva o seu desenho?

Eu desenhei o escadão que dá acesso as casas. Também desenhei a avenida, o Arte na Rua e um avião no céu. Aqui passa muito avião. Eu olho muito para o céu.

HAMILTON DE CARVALHO 19 ANOS

Como é a paisagem do lugar onde mora?

A paisagem é crítica

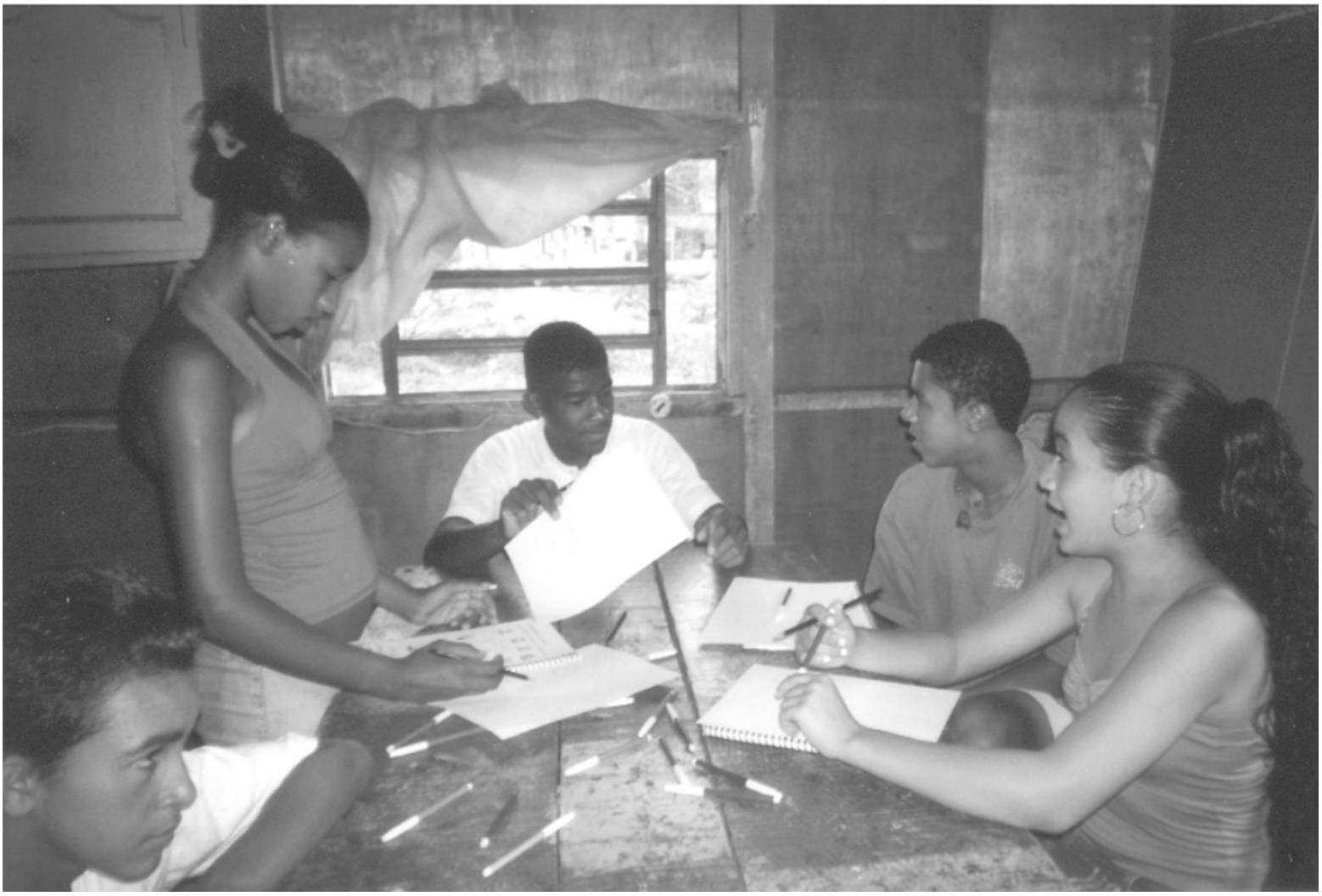
Descreva o seu desenho?

Esta borboleta retrata a metade do meio ambiente que está sendo preservada, e ela está vendo como o ser humano está destruindo isso, jogando lixo nos rios, nossas árvores, nosso ar.

Crianças do Projeto Arte na Rua, junto as flores que plantaram

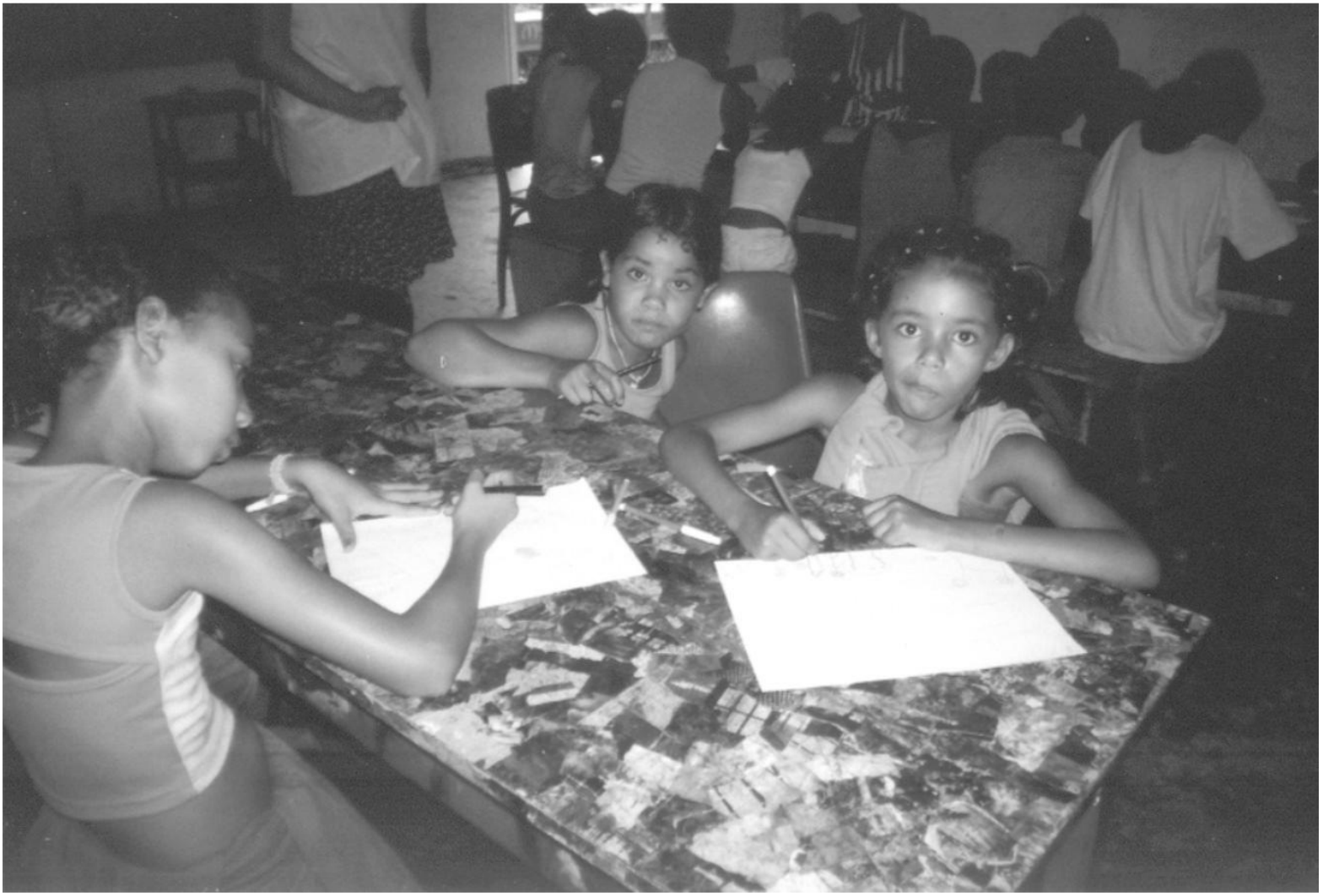
Fonte: Cecília Machado, 2006 em visita a entidade

Jovens do Projeto Arte na Rua, na oficina de representação da paisagem



Fonte: Cecília Machado, 2006

Crianças do Projeto Arte na Rua, na oficina de representação da paisagem



Fonte: Cecília Machado, 2006